

Recensões

Manuela Martins et alii, *Água. Um Património de Braga*. Edição da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória), Braga, 2012. ISBN: 978-972-9382-17-8. 160 páginas, ilustradas, a cores.

Consigna a obra parte do resultado obtido no quadro do projecto *Water “Shapes”*. *Meanings, uses and architectures of the most precious gift*, do Programa Cultura (2007-2013), projecto que reuniu instituições da área euro-mediterrânica (Portugal, Itália, Espanha e França), no sentido de se «acentuar o valor da água como um bem cultural e assinalar a multiplicidade de expressões da sua utilização» através dos tempos e nas áreas em apreço. No caso concreto, a orientação seguida foi a de se «contribuir para o conhecimento, conservação e valorização dos bens tangíveis e intangíveis relacionados com a água na cidade de Braga e região envolvente». Há «percursos da água e arquitecturas entretanto desaparecidas»; outras que deixaram de ter utilidade e correm sério risco de mais se degradarem.

Inaugurar um chafariz era, nas décadas de 50 – e até 60! – do século passado, solene acontecimento numa aldeia ou mesmo no interior de uma vila, porque não havia o abastecimento doméstico e os poços e chafarizes, para além da sua função utilitária – para homens e animais –, assumiam-se como saudáveis pontos de encontro, fomentadores de comunidade. Hoje tornados obsoletos, carecem, porém, de ser revitalizados, reintegrados numa arquitectura paisagística que favoreça o usufruto do espaço público. É, de resto, nesta linha que muitas autarquias por todo o País mandam proceder ao levantamento de fontanários, poços e levadas, e patrocinam publicações sobre esses equipamentos, também numa óptica do património tangível e intangível que eles representam: quantas quadras ditas ‘populares’ não aludem às fontes e às bicas?!...

Depois de uma breve «história da água», mui agradavelmente ilustrada – como o está, de resto, toda a obra –, referem-se (p. 25-29) os «recursos hídricos de Braga», realçando-se a zona das Sete Fontes, que, aliás, tanta polémica tem levantado por, apesar de classificada, não estar a ser devidamente salvaguardada pelas entidades competentes.

«Patrimónios da água» é, todavia, o fulcro do livro, pois que aí se passam em resenha os vestígios datáveis da Proto-história (p. 38-42), da Época Romana (p. 43-69), da Idade Média (70-81) e também da Idade Moderna (p. 82-112).

À bibliografia, muito completa, e ao glossário (explicativo, de modo especial, dos termos latinos usados para a descrição dos vestígios romanos) segue-se o capítulo, em folhas azuis, intitulado «Roteiros da Água», em que, sucinta e ilustradamente, se dá conta dos principais monumentos referentes à água, devidamente localizados numa planta da cidade: o balneário pré-romano da estação (assaz cuidada musealização de um sítio identificado aquando da construção da nova estação ferroviária e que ali está à vista de todos, como que a dar as boas-vindas a quem chega); as termas públicas do Alto da Cividade (monumental estabelecimento termal, de que é apresentada também a maqueta da sua mui provável reconstituição); o aqueduto de abastecimento das termas (os aquedutos romanos constituem, ainda hoje, notáveis obras de engenharia, pois que foram erguidos numa época em que ainda se desconhecia o princípio dos vasos comunicantes); a *domus* das Carvalheiras e seu respectivo balneário (a exemplificar o costume romano de, em cada casa senhorial, as termas representarem parte significativa do conjunto arquitectónico doméstico); a *domus* da Escola Velha da Sé (também ela com termas, de bem sugestivo *caldarium*, de que restam os arranques dos pequenos arcos – *suspensurae* – que sustentavam o chão aquecido pelo ar quente vindo da fornalha); um trecho da monumental cloaca que drenava águas e esgotos urbanos; a casa identificada no Seminário de Santiago, de que se mostra, entre outros vestígios, o tanque do pátio central, revestido a mosaico; e, finalmente, o monumento sem dúvida mais famoso de *Bracara Augusta*, neste âmbito da água, a chamada Fonte do Ídolo, hoje integrada em bem concebido centro de interpretação.

No entanto, para além deste roteiro pela Braga romana, incluiu-se, no final, um roteiro pela cidade moderna, em que se puseram em destaque significativos pormenores e imagens de fontes e chafarizes dispersos pela cidade.

Impresso em excelente papel couché e capa rija, o volume apresenta-se, pois, nessa dupla função: é o resultado de uma pesquisa científica que desemboca na elaboração de uma obra de prestígio e de divulgação, porque a quantidade e beleza das ilustrações assim como a clareza e simplicidade da linguagem

adoptada servem todos os públicos, mesmo os que não estejam directamente ligados à problemática arqueológica.

Justo é salientar, por fim, que se trata, na verdade, de uma investigação feita em equipa, coordenada pela catedrática de Arqueologia, Doutora Maria Manuela Martins. Os outros autores merecem também generoso encómio: José Meireles, Luís Fontes, Maria do Carmo Ribeiro, Fernanda Magalhães e Cristina Braga – cada um especialista em determinada época da História, que assim deram ao livro precioso contributo.

José d'Encarnação

